

CARNIVAL ENCERRADO COM ~~UMA~~ MORTE TRAGICA

~~"O CONDE DE LUXEMBURGO" DE CAMPINAS~~

- Não, não me refiro a tragédias atuais de Carnaval! Dessas o noticiário dos jornais já nos forneceu abundantes minúcias: troca de garrafadas na cabeça entre rapazes granfinos, golpes de punhal num pobre e desconsolado Arlequim que dois assaltantes despojaram da carteira, do relógio e da vistosa indumentaria, deixando-o em cuecas num matagal. Nem me refiro ao inopinado fêcho do Carnaval do Guarujá, que um delegado de polícia antecipou a tiros de revólver, esgotando o tambor da arma que carregava. Esses são fatos atuais e meu campo de noticiário se estende para o passado.

Lembrarei um final trágico de Carnaval, trágico por um acidente mortal em que não houve sombra de crime: uma queda, um susto, o espanto da mocidade que se preparava para um desfile vistoso e, logo depois, a notícia consternadora: "Morreu Lauro Franco!".

Foi isso em Campinas, na terça-feira de Carnaval, 2 de março de 1897. Estes cinquenta e dois anos decorridos sobre o lamentável desfêcho do tríduo da folia varreram da memória de muita gente a impressão dolorosa que o fato despertou à maioria dos rapazes de então, ~~que~~ ^{que} anda agora velha e encarquilhada, ou, em parte maior, já morreu. Fica, pois a lembrança como contribuição de um memorialista daque la cidade, para este domingo seguinte ao tríduo carnavalesco de 1949.

Entre as famílias de Campinas, acatadas pela situação próspera de seus componentes e pela jovilidade dos seus rapazes, figurava desde anos remotos, a dos Franco de Andrade. Gente bem nascida, com ascendentes que entroncavam nas melhores árvores genealógicas da chamada "nobreza agrícola" paulista. O major João Franco de Andrade ou, simplesmente major Franco fôra casado com uma filha do primeiro leito do marquês de Três Rios (Joaquim Egídio de Souza Aranha), que foi, no segundo império, lavrador de enormes posses, membro proeminente do Partido Liberal, presidente da Província e estimulador de grandes e profícuas realizações em Campinas e São Paulo.

O major Franco criou os filhos num ambiente de conforto, sem exhibições faustosas, embora totalmente se descurasse do preparo intelectual da sua prole. Era hábito de algumas famílias antigas, deixar que os filhos escolhessem u uma atividade de trabalho. Sendo os pais, em geral, fazendeiriros, opulentos ou de media situação, a maior parte dos "meninos" depois de um rápido curso de primiras ou segundas letras continuava na vida agrícola - que, por aqueles tempos, aguentava qualquer desaforo da fortuna - relegando ao esquecimento o seu preparo. Uns poucos, nalgumas famílias, vinham para o curso de Direito. A maioria se confinava no curso prático do francês e de alguma literatura que os mais afortunados aprimoraram com as "midinettes" ou nos cabarés de Paris.

O grupo de filhos do major Franco, como, aliás, o dos seus primos, filhos de Carlos Egídio de Souza Aranha ,

guardava dos ascendentes a nota da generosidade e da cortesia. Eram, todos eles, uns mais, outros menos, de "mãos abertas". Quando a fortuna lhes sorria, amparavam com largueza necessitados e companheiros, neles se incluindo, como era fatal, aproveitadores e espertalhões. Quando tombavam na pobreza, conformavam-se, sem se lastimarem e sem perderem a linha de bons costumes. Dos filhos do major Franco tive conhecimento melhor com o caçula João Franco, quando este já era viuvo, quarentão, pobre e doente. Foi um companheiro excelente que, com outros inolvidáveis amigos, se devotou à reorganização do Tiro de Guerra 176, de Campinas, do qual saíram, habilitados como reservistas, alguns milhares de rapazes através de grupos de instrutores que ganhavam posto em Campinas e iam distribuir instrução nos bairros e distritos distantes.

João Franco era o "fac-totum" da Sociedade, quem madrugava na sede e quem se incumbia de toda e qualquer ocupação encargo ou serviço. Tudo isso de graça. Seu irmão Lauro, entre 1895 e 1897 andava nos vinte e poucos anos. Era jovial de caráter e modesto de maneiras; desfrutava de grande prestígio, pela situação da família. Sendo rico, e tendo na fazenda, da qual, aliás, pouco cuidava, uma fonte certa de renda, consagrou-se a fazer no Carnaval uma festa retumbante, que contribuisse para curar o o desânimo que em sua terra ainda se notava, pela decadência que tivera início nas epidemias de febre amarela dos primeiros anos da República, renovadas num outro surto ocorri

do em 1896. Era um rapaz viajado, de modos insinuantes, grandemente simpático, que procurava na vida o que esta lhe podia oferecer de alegre e confortável. Fundou, com outros companheiros - e no quadro entravam, endiabrados caixeiros e estudantes - o "Clube dos Fenianos" e este deitou préstito vistosíssimo no Carnaval de 1896. Surgira também, como concorrente, outro Club - o dos Democraticos, cada um com suas cores: os Fenianos tinham farda, estandarte e pendão, alvi-rubro; os Democraticos, alvi-negro.

Lauro Franco era o sustentáculo do seu clube, com o apoio dos Ferreira e dos Penteado; Ao aproximar-se o Carnaval mandava pelo comércio e pelos clubes, à cata de assinaturas, o livro de ouro. Encerradas as subscrições, que mal atingiam os vinte contos, começavam os preparativos. No primeiro arranco lá se iam os 20 contos, e ele entrava com o resto - trinta, quarenta, cinquenta contos de réis, importâncias elevadíssimas para a época, que ele, entretanto, não regateava. Foi uma ante-encarnação do Conde de Luxemburgo, que Franz Lehar imortalizou numa das suas mais encantadoras operetas.

O plano era prévia e cuidadosamente traçado, cada grupo tinha suas funções: alguns rapazes do comércio encarregavam-se das escriturações, outros da ornamentação da "Caverna", que era a séde dos Fenianos, na rua Regente Feijó, entre Campos Sales e 13 de Maio, num sobrado que, durante o resto do ano, ou se trancava, ou se abria para bailes de arrelia. Do capítulo do noticiário da imprensa e redação dos anúncios e boletins, espalhados pela cidade incumbiam-se os moços que, já eram jornalistas

tas ou reporteres acatados - Alberto Faria, João Barroso Pereira, José Villagelin, Henrique de Barcelos, Pedro de Magalhães, Álvaro Miler e Antônio Sarmiento. Eram cartazes correspondentes a meia pagina, ricos de verve, no arrevesado de frases e vocábulos estrepitosos.

Uma outra secção do clube, e das não menos importantes, era a que se incumbia de contratar e levar para a cidade as criaturas prestimosas que envergariam, no préstito, as vestes de fadas, sereias, odaliscas, ninfas e outras do amoroso clan a que, no desfile, eram tributados os mais veementes aplausos.

Nesse particular como na escolha da cavalhada que abria o préstito, Lauro era ainda mais largo de generosidade; se lhe davam noticia de uma morena incandescente que aparecera nas ribaltas cariocas e tinha o físico adequado a uma sereia do carro-chefe, que lembrava as águas do Atibaia - já ia um delegado de confiança, oferecer-lhe o posto: viagem de ida e volta, - casa, comida e roupa lavada" e plena liberdade de movimentos, fora das horas de desfile e do baile, estilo "forrobodó de cuia", como anunciavam os cartazes. No fim da temporada - um anel, um colar e às vezes, uma "ligação urbana". Eram gestos largos de Pashá, que fazem pensar no "Sonho turco" de Raimundo Correia:

Luxo e volúpias? Ei-las, tais e tantas:
Mulheres e cavalos, com fartura.
Bons cavalos e esplendidas mulheres.

Com isso tudo, a vida citadina se reanimava e era comum que os nomes das rainhas andassem de boca em boca, com menção dos seus dotes físicos, da excelência da sua plástica, da sua procedência e, mesmo, indicação dos paredros locais que as tomavam sob sua proteção, dando-lhes o pseudônimo impagável de pupilas...

o o o o o o o o

Na terça-feira gorda, 2 de março de 1897 a cidade esperava o préstito dos Fenianos, que devia ser seguido 1 hora depois, pelo dos seus esforços^{dos} concorrentes, os Democráticos. O carro-chefe feminino, a que Boaventura Negrão de ra os últimos toques, representava as águas do Atibaia: com uma bela criatura no topo, poucas roupas, assediada por um bando seleta de Tágides atibaianas, em que havia brancas e mulatas vaporosamente engalamadas. O carro-chefe masculino era o de Lauro Franco, instalado como num trono, alto de mais de 4 metros. Simbolizava um capitão vitorioso dos prélios romanos, envergando as cores do seu clube, cercado por uma guarda de honra que completava aquele fundo triunfal.

Na frente do préstito os clarins estridulavam os ares com seus compassos marciais: carros alegóricos, carros de crítica, zabumbas, etc. Mas, ao sair do barracão, logo na primeira esquina, perto da sede, o carro-chefe sofreu um solavanco brusco ao entrar na depressão de uma sargeta; os animais deram uma arrancada, a armação oscilou, partiram-se algumas vigas de suporte, e Lauro Franco caiu do seu trono, de

samparado, de ponta cabeça, indo bater em cheio na parte trazeira do carro, onde só havia uma tenue esteira de serpentinas. E ali ficou sem sentidos.

Correram todos, numa aflicção desesperada. Levaram-no para a farmácia mais próxima, que era a do major Joaquim Ulises Sarmento, mas este percebeu logo a gravidade - e mandou que o recolhessem imediatamente à casa de residência. E lá foi o corpo de Lauro para sua casa, uma casa de tijolos sem rebôco externo, da rua da Conceição, pouco abaixo da do Padre Vieira. Sofrera fratura da base do crânio e uma comoção cerebral das mais violentas. Os médicos que acudiram nada puderam fazer. Uma hora depois estava morto.

Converteteu-se então a moradia do carnavalesco n.1 num cenário de contrastes chocantes: eram os pierrots, as columbinas, as ninfas do Atibáia, os mascarados, velhos e moços, fantasiados e aflitos a galgarem o alpendre coberto de maracujás e a vararem pela casa a dentro, aos soluços, descabelados com a tragêdia. O cenário era para quem dele se lembrasse mais tarde, positivamente grotesco: lágrimas e choros convulsos no meio daquela mascarada, em torno de um leito em que jazia, com um ar plácido, os labios mal fechados, Lauro Franco, o presidente dos Fenianos, vestido com as cores de seu club!

Na confusão, como se soube mais tarde, alguns sujeitos espertos empalmaram aneis e relógios do finado: eram os despojos carnavalescos que, apesar da hora conturbada, exerciam um estranho fascínio sobre os foliões de dedo ágil e tendências cúpidas irrefreáveis,

Sobre a cidade caiu, pesada e densa uma nuvem de luto. Não eram apenas os foliões e folionas nem tão só os curiosos que aguardavam os préstitos e "torciam" pela vitória dos clubes contendores - os que deploravam aquela morte; era toda a gente, e nesta a gente pobre, a gente miserável, que Lauro Franco, por tradição de família largamente amparava,

O enterro realizou-se na quarta-feira de cinzas - dia adequado, pela sua significação religiosa, àquele fecho de uma vida agitada, risonha, despreocupada e feliz. Voltou ao pó da terra natal o moço brilhante, de trato sedutor, de sorriso farto, cara jocunda, homem bem-fadado que, nas rodas dos amigos e parentes, entre baforadas de havano, narrava casos picarescos em que tomara parte, sem jamais melindrar ninguém e que, por isso tudo, deixava uma memória doce e amável, entre os homens e, principalmente, entre as mulheres que conheceu e associou à sua inata jovialidade e à sua fartura. Contava-me João Franco que, certa vez, tendo alguém da família criticado acrimoniosamente os gastos de Lauro com o Carnaval, apontando-lhe o exemplo de parentes que se divertiam de forma menos estrepitosa e bulhenta, deu ele esta resposta, num sorriso largo sem se irritar: "É uma questão de gosto. Eles preferem cavalos e eguas e gastam a fortuna em corridas. Eu prefiro o páreo das "fenianas" que, além de melhor é mais barato..."

Depois dele, o Carnaval de préstitos nunca mais reconquistou o prestígio e o brilho que tivera. É que, sem aquele Conde de Luxemburgo, generoso, quase perdulário em seus gestos e dispêndios, os dias de alvoroço e algazarra perdiam o

~~UM CARNAVAL ENCERRADO COM UMA MORTE TRAGICA~~

~~(cont.)~~

~~- fls. 9--~~

maior incentivador e o melhor encosto. E o tríduo pagão
não se faz sem grandes consumos - de dinheiro, de ener-
gias e de pecados.

São Paulo, 6.III-1949

o o o o o o o